



# FOTOPINTURA: ALTERIDADE E A FOTOGRAFIA DA FOTOGRAFIA

## PHOTO PAINTING: ALTERITY AND PHOTOGRAPHY OF PHOTOGRAPHY

Erika Maria Mariano Ribeiro<sup>1</sup>

### RESUMO

O ensaio desenvolve-se sobre o processo artístico da fotopintura em resgate da antiga técnica de pigmentação e reprodução fotográfica, as interações entre a ressignificação e o lugar do outro nesse mesmo retrato a partir da câmera fotográfica como conjunto de mecanismos combinados para a construção de um retrato manipulado e retocado com soluções de materiais corantes múltiplos, que passaram por décadas até os desdobramentos da atualidade e o advento da pós-fotografia. Analisa-se nesse ato o conceito de alteridade em seu processo criativo, onde retratado e retratista colocam-se no lugar do outro ou na pele do "outro", alternando a perspectiva própria com a alheia, quando a diferença entre aquilo que é real e aquilo que é imaginado se torna indiscernível.

### PALAVRAS-CHAVE

Fotopintura; Alteridade; Reprodução; Pós-fotografia.

### ABSTRACT

*The research develops on the artistic process of photo painting in rescue of the old technique of pigmentation and photographic reproduction, the interactions between the re-signification and the place of the other in the same portrait from the photographic camera as set of combined mechanisms for the construction of a portrait manipulated and retouched with solutions of multiple coloring materials, which span for decades until today's developments and the advent of post-photography. The concept of alterity in its creative process is analyzed in this act, where portraiture and portraiture are placed in the place of the other or in the skin of the "other," alternating one's perspective with the other's perspective, when the difference between what is real and what is imagined becomes indiscernible.*

### KEYWORDS

*Photopainting; Alterity; Reproduction; Pos-photography.*

## A FOTOPINTURA

A fotopintura, habilidade técnica e artística frequentemente utilizada no início do século XX, assinalava-se como método acessível e complementar no processo de colorização das imagens em preto e branco com finalidade de transformá-las próximas do que seria "real".

Os primeiros retratos pintados no Brasil datam de 1866 e com os anos tornaram-se itens

---

<sup>1</sup> Erika Maria Mariano Ribeiro é mestranda em Artes pela Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, graduada em Fotografia pela Universidade Vila Velha – UVV, graduada em Letras/Inglês pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Conato: [erikamarianoribeiro@gmail.com](mailto:erikamarianoribeiro@gmail.com).



indispensáveis nas paredes dos lares entre os anos 1940 e 1980. A reprodução em fotopintura foi a grande responsável em muitas regiões do Brasil pela capacidade quase que instantânea de “eternizar” a imagem de alguém já falecido.

O baixo custo do retrato pintado em relação à revelação de filmes a cores popularizou a técnica por todo o Brasil, porém na região nordeste a demanda dessa prática acentuou-se pela presença maior de fotógrafos ambulantes ou lambe-lambe.

A fotopintura originalmente consiste em um processo de colorização manual de um retrato, a começar da reprodução e ampliação de uma imagem geralmente a partir de uma foto em preto e branco, caracterizada pelo recorte do rosto, pintura do fundo, detalhamento da fisionomia, inclusão de indumentária e acessórios. No Pictorialismo, movimento surgido na França em 1890, os fotógrafos desejavam imitar as pinturas e desenhos com intuito de obter o mesmo valor sociocultural dos processos artísticos convencionais, as fotografias tornavam-se artísticas. Anos mais tarde no Brasil, há o resgate desses retratos artísticos quando a fotopintura assume o papel de criação de uma realidade inventada, uma aparência alterada. Esse modo de imagem passou a proporcionar a possibilidade de retoques para uma melhor aceitação do indivíduo, detalhes como joias, óculos, roupas mais sofisticadas, suavização de traços étnicos e imperfeições estéticas foram sendo acrescentados e/ou modificados. A possibilidade de retocar a imagem abriu caminho para uma nova relação diante da objetividade cruel que a fotografia oferecia. O retrato tornou-se instrumento de memória, deixando de ser objeto de ostentação e passando a ser culto da imagem da pessoa amada, um bem precioso guardado em álbuns ornamentados ou em molduras destacadas em locais privilegiados de suas residências onde permite qualquer um ser o que quiser.

Em análise aos retratos pintados produzidos por Mestre Júlio Santos, referência em fotopintura e que atualmente está em atividade no Áureo Estúdio, em Fortaleza -CE desde a sua fundação no início da década de 70. Como um dos expoentes na produção da fotopintura brasileira, seu trabalho possui relevante conhecimento histórico da fotografia, imensa habilidade manual, técnica e artística para preservação da memória afetiva dos seus retratados, onde se percebe claramente um paralelo entre o que é real, a representação idealizada do sujeito e a interferência técnica do retratista.



Não podemos deixar de citar a notável reinvenção de Mestre Júlio como artista, quando houve a necessidade da substituição da técnica artesanal da fotopintura pela ferramenta digital Photoshop. Assim como Oscar Gustav Rejlander, um pictorialista pioneiro em fotomontagem, que fazia do meio fotográfico uma mistura entre verdade e ficção e inovou em sua época com retoques e manipulações, Mestre Júlio renovou o modo tradicional dessa prática artesanal fotográfica aderindo ao uso de câmeras digitais e software de edição de imagem como o Adobe Photoshop, tornando-se o pioneiro nessa prática. Em sua obra enxergamos uma relação de alteridade, quando o retratado simula ao retratista uma falsa identidade, o retratista por sua vez torna aquilo que é real e aquilo que é imaginado em algo que não se distingue facilmente. A reprodução de um retrato ressignificado pelo artista e a discussão sobre a apropriação e autoria dessa imagem, que é idealizada pelo sujeito e materializada através da estética do pintor, criador de uma outra realidade segundo o seu ponto de vista. “Desafiei o quanto pude, trabalhei muito em papel liso para não deixar a arte morrer. Mas teve uma hora que não tive mais como recusar o que a tecnologia estava oferecendo”, justifica Mestre Júlio Santos (2010).



Figura 1 - Autor desconhecido, sem título, 1978. Fotopintura, 20x30 cm.

Fonte: Acervo particular.

## FOTOPINTURA E ALTERIDADE

De acordo com o dicionário Houaiss, alteridade significa “1 - natureza ou condição do que é outro, do que é distinto” e “2 - situação, estado ou qualidade que se forma através de



relações de contraste, distinção, diferença [(...), a alteridade constitui essência e relevância ontológica na filosofia moderna (*filosofia de Hegel*) e esp. na contemporânea (*pós-estruturalismo*).]” Segundo este dicionário, trata-se de um termo que tem a origem na palavra francesa *altérité*, que significa alteração e mudança, e que é formado pelo radical latino *alter*, que indica “um outro, outrem; outro, diferente; oposto, contrário”.

No Dicionário Hegel, redigido por Michael Inwood, também encontramos a alteridade como nota descritiva e evidente no item “Identidade, diferença e alteridade”. A identidade em Hegel, segundo o autor, é o antônimo da alteridade, partiremos então do entendimento da alteridade na sua etimologia pura enunciada nesse pensamento lógico e tentaremos responder de que forma o estatuto da alteridade encontra-se presente na produção da ftopintura?

Através da ftopintura, o retratado abre mão de sua identidade, seus traços, características, até mesmo daquilo que lhe caracteriza perante sua comunidade, da consciência de si próprio e do que o torna diferente dos outros. O retratado simula ao retratista uma falsa identidade, cria personagens, não é uma identidade do ser como tal, mas uma distinção entre o que se é e o que gostaria de ser.

Alteridade implica colocar-se no lugar do outro ou na pele desse "outro", alternando a perspectiva própria com a alheia, quando a diferença entre aquilo que é real e aquilo que é imaginado se torna indiscernível.

A experiência de se colocar no lugar do outro, de alternar a perspectiva própria com a alheia, implica a conduta ética de perceber, a partir dos olhos deste outro, o mundo em que ele se insere.

Entre o retratista e o retratado forma-se então uma relação de alteridade, de ideias distintas e subjacentes, onde participam do "mesmo", enquanto são idênticas a si mesmas. Por outro lado, a ideia do "outro" invade todas as ideias, estabelecendo entre elas a relação fundamental da alteridade, pela qual se distinguem. Talvez o importante dos registros fotográficos não seja a produção de verdades, muito menos pela suposta apresentação da realidade que eles insistem em propor. Mas o que pode nos importar talvez seja a condição



de nos fazer refletir, de possibilitar a criação de outras narrativas que nos motivem para outros arranjos de percepções e experiências. “No imaginário fotográfico sou ao mesmo tempo: aquele que eu me julgo, aquele que eu gostaria que me julgassem, aquele que o fotógrafo me julga e aquele de que ele se serve para exhibir sua arte” (BARTHES, 1984,p. 27).

Aqui podemos dizer que criar é tornar-se outro. Esse outro se caracteriza pela autonomia e pela fisionomia, marcas do sujeito. O retrato é a tentativa de transformar a identidade do outro em uma imagem visível. Aplicaremos o termo “retrato” para delimitar um tipo de experiência: a percepção de subjetividades. A criação fotográfica situa-se precisamente nesta fronteira entre a descoberta (do que já existe) e a invenção (do novo, do que passa a existir ou se manifestar, do que a fotografia inaugura). Na fotopintura o retratado simula ao retratista uma falsa identidade, não uma identidade do ser como tal, mas uma distinção entre o que se era e o que gostaria de ser. O fotopintor cria a partir da alternância entre a própria perspectiva e a alheia do real e do que é imaginado. “A imaginação cultiva aquilo que não é, mas esse não ser, nesses novos tempos, teima em transmutar-se em ser.” (BORNHEIM, 1998, p. 59).

Quando um artista inicia um retrato em uma tela em branco, a imagem concebida parte diretamente do seu olhar e da sua percepção daquilo que observa e antevê aquilo que deve ser modificado e retocado. Já a fotografia, proporciona uma imagem real do que vai ser retratado, no seu sentido mais técnico, revela no papel em branco tal qual é o objeto ou indivíduo. “Ora, a partir do momento que me sinto olhado pela objetiva, tudo muda: ponho-me a “posar”, fabrico-me instantaneamente em outro corpo, metamorfoseio-me antecipadamente em imagem” (BARTHES, 1984, p. 22).

## A FOTOGRAFIA DA FOTOGRAFIA

Tratamos a partir desse ponto sobre o processo criativo de imagem de imagem. Partimos da premissa de que uma fotografia é por si uma imagem de imagem. Está contida em uma única foto a imagem visual do retratado, a imagem da mente do fotógrafo, a imagem disseminada pela câmera fotográfica, a imagem do negativo ou arquivo gerado e por fim as imagens derivadas possíveis. “A fotografia, quanto ao inacabável, é uma arte dos possíveis. Uma foto é



sempre apenas uma possibilidade do negativo matricial. O fotógrafo pode, portanto, jogar com esses possíveis que sempre ultrapassam o existente" (SOULAGES, 2005, p. 28).

Walter Benjamin em "A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica" (1936), reflete sobre o papel do artista como criador de tradição ou inovação e as transformações que acontecem na obra por meio da reprodução. Ele afirma que mesmo na reprodução mais perfeita, um elemento está ausente: o aqui e agora da obra de arte. Benjamin declara o fim da *aurado* objeto de arte e o fim da diferença entre o original e a cópia, já que a mesma atualiza, restaura e recicla o que foi produzido pela primeira vez. Definitivamente a obra perde valor de culto e ganha valor de exposição, devido a maneira com que a produção artística foi alterada pelo processo industrial, causado pelo crescimento de meios e forma tecnológicas trazidos pela modernidade. A obra de arte sempre foi reproduzível. No entanto a indústria cultural alterou profundamente o seu processo de produção.

A fotografia é o grande acelerador nesse valor de culto das obras de arte para o valor de exposição. No entanto permanece ainda a possibilidade da presença do valor de culto no transcorrer do tempo em determinados retratos, vide a reprodução de rostos na fotopintura, quando a memória afetiva, a experiência biográfica e a idealização de uma realidade inventada podem produzir influência na formação de cultos.

Do conceito de culto a imagem à compreensão das características do que é reprodutível, do trabalhar o negativo de forma infinita até apresentar as fotos de forma infinita.

Assim, entendemos que uma fotografia é inacabável. E através dela nos deparamos com maneiras infinitas de reproduções. A imagem enquanto representação deixa espaço para infinitas possibilidades de interpretações e significados. Aqui, voltamos ao princípio da relação de alteridade entre quem cria a imagem e o objeto, entre ter a capacidade de se colocar no lugar do outro na relação interpessoal e estabelecer um diálogo com o que foi criado. Nomenor interesseno processo original de criação do que no contexto, que ultrapassa a esfera de influência do artista e em que o trabalho se situa posteriormente.

Na proposição de que existem diferentes modalidades possíveis de criar imagens de imagens:



Há artistas que pegam uma imagem de saída, uma imagem-matriz, para fazer variações sobre ela. Há também os que trabalham sobre suas próprias imagens, efetuando releituras. Eles dão um novo destino e uma nova história a imagens que eles mesmos fizeram. E há ainda os que se apropriam de imagens feitas por outros (SOULAGES, 2017).

Dentro do contexto de fotografia da fotografia nos deparamos com questões pertinentes e plausíveis à reflexão, quando Didi Huberman em “Devolver Uma Imagem” nos instiga a analisar sobre o ato de tirar uma foto, a quem devolvê-la e ainda de que precisamente uma imagem é imagem, “Não é inútil se perguntar de que exatamente uma imagem é imagem, quais são os aspectos que aí se tornam visíveis, as evidências que apareceram, as representações que primeiro se impõem” (HUBERMAN, 2000, p. 205).

No processo de criação de uma fotopintura, sendo essa uma fotografia de uma fotografia, observamos a ressignificação da imagem apropriada, tirada a partir da câmera fotográfica como máquina de desenho. Também examinamos a reprodução de um retrato retocado com tintas, através da alternância perspectiva sob a ótica do imaginário e que por fim é originalmente devolvida ao retratado por métodos artesanais, até os desdobramentos da pós-fotografia nos dias atuais.

A fotopintura não busca sentido em discutir a imagem como representação da realidade, assim como a pós-fotografia que se baseia em edições, apropriações e reinterpretações. Com o advento da pós-fotografia é possível acompanhar a expansão dos meios tradicionais de trabalhar o referido retrato pintado. Percebemos a substituição gradativa da técnica artesanal da fotopintura pela ferramenta tecnológica, devido ao advento dos filmes coloridos, câmeras digitais e conseqüentemente a escassez de matéria prima aplicada à técnica manual. A velocidade no consumo de imagens também interfere nesse processo, intensifica a substituição da prática artesanal fotográfica e adere ao uso de câmeras digitais e softwares de edição de imagem.



Figura 2 - Erika Mariano, O outro, Alter I, 2018. Fotopintura e fotografia da fotografia, 20x30 cm.  
Fonte: Acervo particular.



Figura 3 - Erika Mariano, Sem título, Alter I, 2018. Fotopintura e fotografia da fotografia, 20x30 cm.  
Fonte: Acervo particular.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluímos com base nas pesquisas teóricas e práticas, através das imagens que unem-se e misturam-se, que as interferências em imagens inicialmente criadas pelo olhar e memória de outros, reafirmam que a arte contemporânea cria relações a partir das reproduções e apropriações, dos processos do artista, da alteridade, efemeridade e da não materialidade.

A fotopintura, sob a construção de imagem de imagem pelo modo de apropriação, possibilita a criação da obra fotográfica com base na experiência da não autoria e alteridade. Quem cria é o outro. O autor é o outro, o qual observa, fotografa e colore, sob a diversidade de significados incorporados e somados às memórias afetivas da fotografia da fotografia.

Acreditamos que as reflexões acerca da fotopintura, suas características e mudanças contribuem para a ampliação de suas possibilidades expressivas no campo das artes. Sobretudo, esperamos que a ideia de fotografia e pós-fotografia através do retrato pintado, norteie e fomente discussões no âmbito da arte contemporânea e ajude a teorizar seus desdobramentos como objeto de estudo.

### Referências

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1984.

BENJAMIN, Walter. **A Obra De Arte Na Era Da Sua Reprodutibilidade Técnica**. Lisboa: Relógio D'água. 1992.

BORNHEIM, Gerd A. **O conceito de descobrimento**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ. 1998.

CHIODETTO, Eder. **Fotopinturas** – Coleção TitusRiedl. In: Arte Brasileira: além do sistema (Catálogo). Curadoria: Paulo Sérgio Duarte. São Paulo: Galeria Estação, 2010.

DIDI-HUBERMAN, G. **Devolver Uma Imagem**, Pensar a Imagem/Emmanuel Alloa. (Org.). 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2015.

GOMBRICH, Ernst Hans. **A História da Arte**. Rio de Janeiro: LTC. 2012.

HOUAISS, A. Villar. **Dicionário Eletrônico da Língua Portuguesa**. Versão 2009.3. Rio de Janeiro. Editora Objetiva. 2009.

INWOOD, Michael. **Dicionário Hegel**. Rio de Janeiro: J Zahar Editor. 1997, p. 171.

SANTOS, Júlio. **Cores do Passado**. [Entrevista concedida a] Diário do Nordeste. Fortaleza. 16 nov. 2010. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/2.804/cores-do-passado-1.671075/>> Acesso em 20/06/2018.



SOULAGES, François. **A Fotograficidade**. Porto Alegre: Revista Porto Arte, Nº 22. 2005.

SOULAGES, François. **Estética da Fotografia**: perda e permanência. São Paulo: SENAC. 2010.

SOULAGES, François. **O filósofo François Soulages e a estética da fotografia na era digital**. [Entrevista concedida a] Bruno Zorzal e Gabriel Menotti. Revista Zum. Disponível em: <[HTTPS://revistazum.com.br/entrevistas/entrevista-francois-soulages-2/](https://revistazum.com.br/entrevistas/entrevista-francois-soulages-2/)> Acesso em 14/03/2018.

#### Filmografia

**FOTOPINTURA**: O photoshop que reinventou o sertão. TV Olhos D'água. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-w-olPXDSwU>> Acesso em 05/10/2018.

**JÚLIO SANTOS**: O Mestre da Fotopintura. Renata Dantas. SESC Belenzinho. São Paulo. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DLAICzUB3Fc>> Acesso em 05/10/2018.